

RANKING MUNDIAL DE PROFICIÊNCIA NA LÍNGUA INGLESA 2012			
PROFICIÊNCIA MUITO ALTA	PROFICIÊNCIA MODERADA	PROFICIÊNCIA BAIXA	PROFICIÊNCIA MUITO BAIXA
1º) Suécia (68,69)	18º) Eslováquia (54,58)	29º) Uruguai (51,49)	44º) Chile (48,20)
2º) Noruega (66,60)	19º) Argentina (54,43)	30º) Sri Lanka (51,47)	45º) Marrocos (47,71)
3º) Holanda (66,19)	20º) República Tcheca (54,40)	31º) Rússia (51,08)	46º) Colômbia (47,07)
4º) Estônia (65,55)	21º) Índia* (54,38)	32º) Itália (50,97)	47º) Kuwait (46,97)
5º) Dinamarca (65,15)	22º) Hong Kong* (53,54)	33º) Taiwan (50,95)	48º) Equador (46,90)
6º) Áustria (62,66)	23º) Espanha (53,51)	34º) China (50,77)	49º) Venezuela (46,44)
7º) Finlândia (62,63)	24º) Coreia do Sul (53,46)	35º) França (50,53)	50º) Jordânia (46,44)
PROFICIÊNCIA ALTA	25º) Indonésia (53,44)	36º) Emirados Árabes Unidos (50,37)	51º) Catar (45,97)
8º) Polônia	26º) Japão (53,21)	37º) Costa Rica (50,23)	52º) Guatemala (45,72)
9º) Hungria (60,41)	27º) Ucrânia (53,09)	38º) Brasil (50,07)	53º) El Salvador (45,29)
10º) Eslovênia (60,19)	28º) Vietnã (52,27)	39º) Peru (49,96)	54º) Líbia (44,65)
11º) Malásia (58,99)		40º) México (49,91)	55º) Tailândia (44,44)
12º) Cingapura* (58,92)		41º) Turquia (49,52)	56º) Panamá (43,61)
13º) Bélgica (58,74)		42º) Irã (49,30)	57º) Cazaquistão (43,47)
14º) Alemanha (58,74)		43º) Egito (48,89)	58º) Argélia (43,16)
15º) Letônia (57,66)			59º) Arábia Saudita (41,19)
16º) Suíça (57,59)			60º) Iraque (38,16)
17º) Portugal (57,52)			

Fonte: EF Education First (veja o relatório completo, em inglês)

*Países em que o inglês é um dos idiomas oficiais

Rachel Baker, diretora de linguística aplicada, pesquisa e desenvolvimento da EF, que veio ao Brasil para o anúncio da terceira edição do EPI, afirma que alguns fatores podem ter influenciado no avanço do ensino de inglês no país. "Olhando de forma geral os setores de educação pública e privada, você vê que o ensino público ainda parece estar com algumas dificuldades, não está se saindo bem em comparação com outros países, enquanto o setor privado tem crescido", afirmou ela.

EVOLUÇÃO DO BRASIL NO EPI	
2009	Pontuação: 47,27 Posição: 31 de 44 países
2011	Pontuação: 46,86 Posição: 46 de 54 países
2012	Pontuação: 50,07 Posição: 38 de 60 países
Fonte: EF EPI	

O capítulo do relatório dedicado aos estudantes brasileiros aponta que o país "abriga 6.215 filiais de mais de 70 escolas de idiomas, de acordo com a Associação Brasileira de Franchising", e estima que aulas particulares de inglês custem mais de 10% do salário mínimo, mas que a expansão da classe média no Brasil permitiu que mais pessoas investissem parte de sua renda no aprendizado do idioma. "É possível alegar que a maior parte da melhoria na proficiência de adultos em inglês no Brasil se deve a escolas privadas de idiomas", diz o documento.

Rachel estima que uma das desvantagens do setor público de ensino é a dificuldade de implementar mudanças. "As escolas públicas tendem a ser mais conservativas, então é muito mais difícil implementar mudanças. É uma questão bem comum por todo o mundo. Mas no setor privado o consumidor pode escolher o programa que acha mais eficaz, ele é um pouco mais flexível e tem a oportunidade de investir em treinamento de professores e usar métodos mais contemporâneos."

Ensino de qualidade

A competitividade do setor privado, porém, não garante automaticamente que o ensino é de qualidade, e a crescente variedade de métodos não significa que há maneiras cada vez mais fáceis de aprender inglês. O ensino de inglês pode adotar diversas metodologias dependendo de fatores como a idade dos alunos, o tamanho da classe e o nível de domínio do idioma. Mas a diretora da EF cita estudos que mostram como é preciso no mínimo 100 horas de estudo para que um estudante avance um nível no seu domínio do idioma.

"Isso varia muito, dependendo da motivação do estudante, da sua exposição [ao idioma], há muitos fatores envolvidos. A língua é uma ferramenta que precisa de prática, e isso leva tempo", disse. Mas um dos métodos fundamentais, segundo ela, para o aprendizado de línguas estrangeiras é a postura ativa dos alunos, conseguida através da comunicação.

"O que temos visto no aprendizado de línguas é participar e se comunicar ativamente. O método comunicativo de ensino se tornou um padrão de ouro para o ensino de idiomas, e requer que o aluno use a linguagem para comunicar suas ideias, tem muita escuta e conversação envolvida. Só a leitura formal e a tradução da gramática não são muito eficazes para que o aluno possa usar a linguagem no contexto do mundo real", explicou.

Segundo Rachel, no sistema de educação tradicional os alunos não têm tanta oportunidade de se verem expostos nessa situação. "O professor é quem faz toda a fala e a explicação, os estudantes são muito passivos. Na escola comunicativa eles precisam ser mais ativos."

Além disso, a preparação de professores tanto em relação às metodologias de ensino quanto em relação aos conteúdos da língua inglesa é fundamental para a eficácia do curso. Segundo Rachel, um professor com baixo nível de inglês precisa de pelo menos 300 horas de aprendizado da língua para chegar a um nível considerado adequado para ensiná-la.

Bric

Apesar de melhores, os números brasileiros mostram que a evolução do país tem sido mais lenta que a de outras economias emergentes, como Índia, Rússia e China. No ranking específico dos países do Bric, a Índia atingiu o índice moderado de proficiência, com 54,38 pontos, 7,03 a mais que n, concluída em 2009. A Rússia e a China também têm proficiência baixa, como o Brasil, mas chegaram aos índices de 51,08 e 50,77 pontos, com crescimento de 5,29 e 3,15 pontos, respectivamente, no mesmo período.

Em âmbito regional, o Brasil ultrapassou países como o Chile, México, Venezuela, Equador e a Colômbia. Mas a English First ressalta o baixo domínio do inglês na América Latina, onde apenas a Argentina possui índice de proficiência em inglês moderado. Nesta edição, ela ficou na 19ª posição no ranking.

Entre a primeira e a terceira edição do EPI, o país que mais avançou no domínio de inglês pelos estudantes foi a Turquia, que subiu mais de 11 pontos em um intervalo de três anos. Segundo Rachel, não há um conjunto de soluções sobre porquê alguns países melhorando muito mais que outros, mas algo em comum no contexto de países com evolução acelerada na área é a presença de "fatores motivadores" que podem incentivar tanto o governo quanto a demanda dos alunos, e pode aquecer o mercado de cursos pagos.

No caso turco, uma das possíveis explicações é o interesse do país em integrar a União Europeia. Já a maioria dos países na lista de países com proficiência muito alta têm em comum o fato de serem pequenos e terem um idioma oficial não falado fora de suas fronteiras. Rachel também lembrou dos investimentos do governo chinês nos anos antes de 2008 para treinar a população e mostrar ao mundo que o país estava preparado para sediar a Olimpíada de Pequim, caso que pode se repetir no Brasil.

Mas, segundo a diretora, os investimentos devem estar baseados em pesquisas sobre a eficácia das ferramentas. "É possível gastar muito dinheiro e não conseguir bons resultados, então é importante fazer análises para ver que tipo de programa está criando os resultados mais eficazes", disse.

Fonte: G1 [Portal]. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2013/11/brasil-sobe-em-ranking-de-ingles-mas-proficiencia-no-pais-ainda-e-baixa.html>>. Acesso em: 5 nov. 2013.